

## Uma tarde com Lydia Hortélio: “olhar menino” para “aprender menino”

José Douglas Alves dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Neste texto apresentamos um relato de experiência de uma tarde com Lydia Hortélio, em que a educadora e musicóloga refletiu sobre “olhar menino” para “aprender menino”. Esse “olhar menino” está associado à criança interior, que tem o potencial de ressignificar nosso modo de vida, nossa percepção do mundo e nossas práticas socioeducativas. Para alcançar esse olhar, ou para chegar a esse grau de compreensão e de desenvolvimento, teríamos então que “aprender menino”, o que de acordo com Lydia só é possível se nos aproximarmos da fonte, ou seja, das crianças, que ao viverem em uma sociedade regida pela lógica adultocêntrica são consideradas em segundo plano no que diz respeito às práticas sociais, culturais e políticas.

**Palavras-chave:** Lydia Hortélio, Infâncias e crianças, Educação e sociedade, Experiências pedagógicas.

## An afternoon with Lydia Hortélio: “child look” to “child learn”

### Abstract

In this text, we present an account of an afternoon with Lydia Hortélio. In this conference, the educator and musicologist reflected on “child look” to “child learn”. The “child look” is associated with the inner child has the potential of resignifying our way of life, our perception of the world and our socio-educational practices. In order to achieve this look, or to get to this level of comprehension and development, we would have to “child learn”, which means learning as a child. According to Lydia, that is only possible if we come closer to the source, that is to say to the children. In her opinion, children are left to a secondary place regarding social, cultural, and political practices, because they live in a society ruled by an adult-centered logic.

**Keywords:** Lydia Hortélio, Childhoods and children, Education and Society, Pedagogical experiences.

## Una tarde con Lydia Hortélio: “mirada niño” para “aprender niño”

### Resumen

En este texto presentamos un relato de experiencia de una tarde con Lydia Hortélio, donde la educadora e musicóloga reflexionó sobre “mirada niño” para “aprender niño”. Esa “mirada niño” está asociada al niño interior, que tiene el potencial de darle un nuevo significado a nuestro modo de vida, nuestra percepción del mundo y nuestras prácticas socio-educativas. Para alcanzar esa mirada, o para llegar a ese nivel de comprensión y de desarrollo, tendríamos entonces que “aprender niño”, lo que, de acuerdo con Lydia, solo es posible si nosotros nos aproximamos a la fuente, o sea, a los niños y las niñas, los cuales, al vivir en una sociedad regida por la lógica adultocéntrica, son considerados en segundo plano, con relación a las prácticas sociales, culturales y políticas.

**Palabras clave:** Lydia Hortélio, Infancias y niños Educación y sociedade, Experiencias pedagógicas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA) e do Coletivo Tecendo: cultura arte educação. Editor-chefe do Zensacionalista; autor do projeto Estudo de Nuvens; escritor fatimense; e Desmistificador de Dálias. E-mail: jdneo@hotmail.com.

## Preâmbulo

**Fig. 1** - Lydia Hortélio antes de iniciar a conferência. Ao seu lado, segurando o microfone, Ana Felícia (organizadora geral das *Jornadas de Amor às Infâncias*)



Fonte: foto compartilhada no grupo do WhatsApp das organizadoras do evento.

“Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas  
No degrau da porta de casa,  
Graves como convém a um deus e a um poeta,  
E como se cada pedra  
Fosse todo o universo  
E fosse por isso um grande perigo para ela  
Deixá-la cair no chão.”

(Fernando Pessoa, em *O guardador de rebanhos – VIII: num meio-dia de fim de primavera*, 1994, p. 52)

“Ainda hoje preciso lembrar, preciso orar esse poema, para retomar meu prumo”, afirmou Lydia Hortélio durante sua conferência proferida nas *Jornadas de Amor às Infâncias II*, no Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>1</sup> (UFRGS). E esse

---

<sup>1</sup> O evento aconteceu entre os dias 13 e 15 de março de 2020. A conferência de abertura foi na UFRGS e as demais ações se realizaram no espaço do coletivo Madre Tierra.

“prumo”, algo como uma retomada de direção espiritual que influencia a reorganização da vida (não confundir com religião), a que se refere Lydia está diretamente relacionado ao “olhar menino” dela para e com o mundo. Um olhar que possibilita, a essa educadora e musicóloga de quase 90 anos, continuar “aprendendo menino” numa sociedade permeada pela lógica adultocêntrica, em que as crianças costumam ser desconsideradas das práticas sociais, culturais e políticas que as regem.

Neste texto buscamos trazer algumas das dimensões desse *olhar e aprender menino* recordando uma experiência ocorrida em março de 2020, quando tivemos a oportunidade de passar uma tarde escutando Lydia Hortélio no espaço Madre Tierra (localizado na zona sul da cidade de Porto Alegre/RS). Ao cantar e encantar nossa força motriz por meio de suas palavras, memórias e práticas educativas, essa soteropolitana (que passou a infância na cidade baiana de Serrinha) nos colocou em constante movimento – intelecto-corpóreo –, e aqui apresentamos algumas das observações registradas naquela tarde. Nossa expectativa é de contribuir com a partilha de outras experiências que possam somar às já evidenciadas na Educação, trazendo o que nos ficou marcado diante desse acontecimento formativo.

Nesse sentido, acreditamos que o conceito de escola como fronteira, delineado pela antropóloga brasileira Antonella Tassinari (2001) no contexto das escolas indígenas, ajuda nesse processo de pensarmos as práticas educativas em seus distintos cenários (formais e informais) como tempos-espacos de fronteira, que se estabelecem para além dos muros e das bases curriculares institucionais. Segundo a autora, as escolas indígenas são definidas como um lugar de interações, “contato e intercâmbio entre populações, como espaço transitável, transponível, como situação criativa na qual conhecimentos e tradições são repensados, às vezes reforçados, às vezes rechaçados, e na qual emergem e se constroem as diferenças étnicas” (2001. p. 68).

Logo, a experiência de ter passado uma tarde com Lydia Hortélio, em um espaço que foge à sistematização da sala de aula escolar ou acadêmica em seu sentido mais convencional (um lugar fechado, com conteúdos restritos e previamente definidos/elaborados), pode então se configurar como um tempo-espaco de fronteira, transitável, transponível, no qual saberes emergiram e se (re)construíram nas diferenças. Nesse caso, podemos dizer que a fronteira identificada, ou mesmo *atravessada* a partir da fala da educadora, foi aquela entre a criança e o adulto.

E nesse atravessamento, nessa fronteira, a criança interior (interna) que muitas vezes reside adormecida ou esquecida em cada um de nós, adultos, teve a oportunidade de sair para brincar um pouco, para lembrar as brincadeiras dos tempos de escola, da rua, dos encontros que a vida proporciona, rindo à toa e sonhando/dançando consigo mesma e outras crianças.

### Uma tarde com Lydia Hortélio

Um privilégio, um presente, *estado de poesia*<sup>2</sup>. Essa foi a sensação que sentimos durante a tarde ouvindo Lydia falar o que pensa sobre a escola, trazendo à tona seus saberes aprendidos e apreendidos no chão do mundo e compartilhando-os com muita generosidade e sabedoria em uma profusão que lhe é característica – semelhante a uma criança brincando numa roda com outras crianças – como tal, o ritmo às vezes é mais acelerado e intenso do que conseguimos acompanhar. É preciso um *olhar menino* para não perder o fio da meada da brincadeira de suas narrativas.

Durante o segundo dia das *Jornadas de Amor às Infâncias II*, tivemos essa tarde com Lydia Hortélio, que trouxe para compartilhar com a gente experiências que remontam ao seu trabalho com a cultura popular e com as músicas tradicionais da infância, das culturas infantis (que teve início durante o período em que ela estudou na Hungria, nos apresentando ao longo da conferência um pouco de seu vasto repertório). Convém destacar que esse “menino” presente na fala de Lydia tem um significado maior, já que para a pesquisadora, na Bahia menino significa “criança”. E como boa baiana e professora que incorpora os saberes e sabedorias populares, seu modo de se referir às crianças é por meio da palavra *menino*.

Também consideramos relevante assinalar que a educadora vem há mais de 50 anos estudando o brincar e as culturas infantis, buscando encontrar o lugar de potência nos seres humanos, que para ela está na nossa criança interior e eterna. E então, em meio a um ambiente repleto de plantas e animais, próximo ao que Lydia considera como o “espaço primordial do brincar” para a criança, que é “a natureza”, ela nos relata sobre o brincar, as brincadeiras e o *olhar e aprender menino*, que estaria no cerne de uma transformação educativa e social<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Alusão ao disco homônimo do artista paraibano Chico César, lançado em 2015.

<sup>3</sup> Durante o texto as expressões e frases que estiverem entre aspas, e sem indicação de referência correspondente, dizem respeito aos comentários de Lydia durante sua conferência.

“A cultura da criança é o brincar, não é a escola e outras coisas; isso é equívoco dos adultos”, afirma. E prossegue: “Tudo que precisamos fazer é permitir que a criança venha à frente, que estabeleça seu reino”. Essa criança que vem à frente para estabelecer seu reino está associada à criança interior, que pode ressignificar nosso pensamento e comportamento (como vemos, compreendemos e interpretamos o mundo, bem como agimos nele). O que implica em valorizar, nos processos educativos formais e informais, mais a imaginação, as artes, o brincar e as brincadeiras, aproximando-se de práticas e valores que nos façam sorrir, o que para Rubem Alves (2018) deveria ser o sentido e a finalidade da educação escolar.

De modo semelhante, o astrofísico e filósofo Neil deGrasse Tyson nos possibilita pensar essa questão a partir de sua percepção das crianças e do que podemos fazer para que elas se interessem mais por Ciência.

Kids are born curious, period. I don't care about your economic background. I don't care what town you're born in, what city, what country. If you're a child, you are curious about your environment. You're overturning rocks. You're plucking leaves off of trees and petals off of flowers, looking inside, and you're doing things that create disorder in the lives of the adults around you. And so then so what do adults do? They say, “Don't pluck the petals off the flowers. I just spent Money on that”. “Don't play with egg. It might break”. “Don't...”. Everything is a don't. We spend the first year teaching them to walk and talk and the rest of their lives telling them to shut up and sit down. So you get out of their way. And you know what you do? You put things in their midst that help them explore. Help 'em explore<sup>4</sup> (TYSON, 2013, s/p).

“Basta sair do caminho delas”, é o que nos indica. Podemos ampliar o alcance da sugestão de Neil Tyson associando-o à Lydia, quando ela fala sobre “permitir que a criança venha à frente”, o que talvez seja suficiente para que se interessem mais, não somente pela Ciência, mas também pela vida. A educadora acentua a relevância da imaginação, o que nos recorda a descrição feita por Albert Einstein na primeira metade do século XX: “Imagination

---

<sup>4</sup> “As crianças nascem curiosas, ponto. Não interessa o quanto você ganha, nem o lugar onde nasceu. Se você é uma criança, é curiosa pelo seu ambiente. Estará revirando pedras, arrancando folhas das árvores, pétalas de flores e observando. Estará fazendo coisas que criam desordem na vida dos adultos à sua volta. E o que os adultos fazem? Eles dizem: “Não arranque as pétalas da flor, gastei dinheiro nisso”, “Não brinque com isso, vai quebrar”. “Não...”. Tudo é um “Não”. Passamos os primeiros anos de ensinando a andar e falar, e o resto da vida delas dizemos para sentarem e calarem a boca. Então, basta sair do caminho. E sabe o que mais? Deixe coisas para elas que as ajudem a explorar. Ajudem-nas a explorar”.

is more important than knowledge. Knowledge is limited. Imagination encircles the world<sup>5</sup>” (1929, p. 117).

Lydia considera que é por meio da imaginação “que os meninos embarcam no sonho”, e defende que a escola – ao menos a maior parte delas – trabalha mais contra este processo do que a seu favor. Podemos retomar novamente Rubem Alves (1999), que se assombrava com a incapacidade das escolas de criar experiências em que sonhos, curiosidade e imaginação fossem considerados elementos formativos dos mais relevantes.

Segundo a musicóloga brasileira, “a escola deveria ajudar a gente a comunicar os sonhos”, ao invés de funcionar como esse local que serve para promover uma ruptura e uma desconexão entre a criança que brinca e o adulto que trabalha, conforme também pontuava Rubem Alves (2008). Podemos fazer uma associação dessa linha de pensamento com o que o escritor britânico Neil Gaiman declara, ao citar uma resposta de Einstein quando questionado sobre como tornar as crianças mais inteligentes.

Albert Einstein was asked once how we could make our children intelligent. His reply was both simple and wise. “If you want your children to be intelligent”, he said, “read them fairy tales. If you want them to be more intelligent, read them more fairy tales”. He understood the value of reading, and of imagining. I hope we can give our children a world in which they will read, and be read to, and imagine, and understand<sup>6</sup> (GAIMAN, 2013, s/p).

Antes que os bugios – que vivem na reserva biológica do Lami – interrompessem a fala de Lydia, ela fez questão de mencionar o quanto “tem muita gente fazendo mestrado e doutorado”, mas que se estes ganhassem cinco pedrinhas, não saberiam brincar. “Então eu desconfio dessa gente”, afirma. Após ser interrompida pelos bugios, Lydia pondera a ideia das fases de desenvolvimento que se estuda muito nos cursos de formação de professores, criticando as postulações especialmente do teórico suíço Jean Piaget. “Eu vivi na Suíça, e as crianças de lá eram bem diferentes de tantas outras, como as crianças negras da Bahia. E por

---

<sup>5</sup> “Imaginação é mais importante que conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação circunda o mundo”.

<sup>6</sup> “Uma vez perguntaram a Albert Einstein como ele poderia tornar nossas crianças inteligentes. A resposta dele foi simples e sábia. “Se você quer que crianças sejam inteligentes”, ele disse, “leiam contos de fadas para elas. Se você quer que elas sejam mais inteligentes, leia mais contos de fadas para elas”. Ele entendeu o valor da leitura e da imaginação. Eu espero que possamos dar às nossas crianças um mundo no qual elas possam ler, e que leiam, e imaginem e compreendam”.

que tenho que me reger por Piaget?”, ela questiona. “Cada um tem uma experiência, uma história”, que interfere na leitura e na interpretação sobre o desenvolvimento humano.

**Fig. 2** - Bugios interrompem a conferência



Fonte: foto compartilhada no grupo do WhatsApp das organizadoras do evento

Hortélio finaliza sua crítica ao teórico suíço dizendo: “Tenho certeza que se ele [Piaget] tivesse conhecido as crianças brasileiras, sua teoria seria diferente, mais diversificada”. Em seguida a educadora argumenta: “Somos seres pensantes, devíamos ser sensíveis também”, o que contribuiria para entender esse suposto mau comportamento das crianças na escola, que não passa “de um sintoma de mal-estar”. Lydia então comenta que “não é para aprender que a gente brinca. É pra ser feliz”, denunciando este que seria um dos “equivocos da Pedagogia”. Neste sentido, ela discute também a educação que os professores recebem na academia, centrada na mente, no racional, desconsiderando que “a gente é corpo” e que “a memória do corpo é eterna”.

Somos seres biológicos e históricos completos, e, em qualquer trabalho criativo que fazemos, reagimos com todo nosso senso existencial e identidade, e não com nosso intelecto isolado. [...] Pensamos com nossos corpos, músculos e intestinos tanto quanto com nossas células cerebrais. Tudo junto, nosso relacionamento com o mundo é muito mais complexo do que geralmente nos ensinam (PALLASMAA, 2018, p. 82).

Ao adentrar nas questões referentes de modo mais específico ao “olhar e aprender menino”, Lydia sublinha existir dois tipos de brinquedos ou de brincadeiras, os silentes (em

que só há algum tipo de som se for estrutural, se tiver finalidade para o brincar) e os sonoros (que precisam do som para se materializar). Posteriormente, com um sorriso no rosto, ela destaca que “todo mundo esquece dos problemas naquele momento da brincadeira, da arte”, por isso a arte é tão fundamental – como atestam Alain de Botton e John Armstrong (2014), por exemplo, ao demonstrarem o valor terapêutico da arte em nossas vidas. Para chegar a esse grau de compreensão e de desenvolvimento, “a gente tem que aprender menino. E só se aprende isso na fonte, olhar menino”, é o que recomenda Lydia.

### **Olhar menino, aprender menino**

“Se você escutar pra dentro, vai perceber que a saudade vem daí”. “A criança tem dentro dela promessas, talentos, belezas”, que não se esgotam ou se perdem quando nos tornamos adultos, mas que são esquecidas e deixadas de lado enquanto não encontramos terra firme em nós. “A gente coloca o pé em terra firme quando nos encontramos dentro da gente”, mas, como ressalta Lydia, “estamos afastados da vida, do centro de nós mesmos”. Chegar a este centro, sentir o chão firme dentro de nós, eis o conselho que Lydia gentilmente transmite.

Ou a sabedoria, em menção ao ensaísta, filósofo e sociólogo judeu alemão Walter Benjamin, quando expressa: “o conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria” (2012, p. 217). O conselho/sabedoria conseguinte deixado por Lydia se articula ao primeiro: “Se estão interessados em compreender a criança, comece por você”, e continua: “É a única receita que eu dou: vá atrás de você mesma, vá atrás de você mesmo”. Para compreender a criança, com frequência adjetivada e estigmatizada pelos saberes escolares-acadêmicos como se dela tudo já soubéssemos, a baiana recomenda que o caminho mais propício é começar por si mesma/o.

“Conhece-te a ti mesmo<sup>7</sup>”, propunha o famoso preceito inscrito no pátio do templo de Apolo em Delfos, Grécia antiga. O escritor, filósofo e professor indígena brasileiro Daniel Munduruku considera essa máxima como “o princípio da sabedoria” (2019, p. 18), e supõe que para chegar a tal conhecimento é necessário reconhecer-se ignorante, aprendendo a fechar os olhos para ver melhor dentro de si.

---

<sup>7</sup> Em grego: γνῶθι σεαυτόν (transliterado: *gnóthi sautón*) e em latim: *Nosce te ipsum*.

O escritor português José Saramago, laureado com o Nobel, descreveu na semana posterior à entrega do prêmio algo semelhante ao conselho deixado por Lydia,

Quero é recuperar, saber, reinventar a criança que eu fui. Pode parecer uma coisa um pouco tonta, um senhor nesta idade estar a pensar na criança que foi. Mas é porque eu acho que o pai da pessoa que eu sou é essa criança que eu fui. Há o pai biológico, e a mãe biológica, mas eu diria que o pai espiritual do homem que eu sou é a criança que eu fui (SARAMAGO, 1998, s/p).

Recuperar, saber, reinventar a criança que fomos nessa busca do pai espiritual dos adultos que nos tornamos. É para alcançar esse objetivo que Lydia nos sugere *olhar menino*, para *aprender menino*. Nesse olhar menino está implícito um modo de pensar e se comportar que difere de uma tradição aprendida e reproduzida no sistema escolar, que busca na maior parte das vezes padronizar mentes e corpos. Faz-se necessária uma certa ousadia e coragem, comuns na infância e juventude – quando não consideramos apenas como atos inconsequentes – e que costumamos perder ao crescermos, pois como o escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón observa, “o tempo não nos torna mais sábios, apenas mais covardes” (2011, p. 189).

Lydia não mede palavras ao se referir à escola, afirmando que os meninos “são muito bons, muito gentis, tinha era que botar tudo abaixo”. Ainda segundo ela, “O desmanche do ser humano começa em casa, depois vem o golpe de misericórdia, que é a escola”. Sua crítica não se destina à escola em si, mas ao modelo institucional que em sua concepção é a mesma do século XIX, do contexto francês, por isso não tem sentido e nem tem como dar certo no Brasil. Ela diz que até entende quem defende a escola, mas não tem como deixar de criticá-la enquanto continuar se organizando dessa forma, sob as ruínas de uma pedagogia que mantém as crianças, jovens e adultos reféns de sua lógica.

“Infelizmente, somos “educados” a abrir mão da magia no dia em que entramos na escola”, discorre Daniel Munduruku, ao intuir que somos movidos pelo que ele chama de magia, e ela “não está fora, mas dentro de cada um” (2019, p. 65). Podemos correlacioná-la aos sonhos, ao que nos faz sonhar e com frequência costuma estar ausente no planejamento e na cultura escolar. Que tal se começarmos a exercer o direito ao sonho, ainda que só um pouco, como indagava o escritor uruguaio Eduardo Galeano (2009)?

“Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada”, presumia o poeta e escritor brasileiro Mario Quintana (2005, p. 07). Individual e coletivamente, podemos

aprender com os sonhos sobre uma dimensão pedagógica das possibilidades, que não revela *a priori* caminhos a serem seguidos, traçados, mas que impulsionam e mobilizam o caminhar. Como acreditava John Keating em “Sociedade dos Poetas Mortos”.

**Fig. 3** – Robin Williams interpretando o professor John Keating, no longa-metragem “Sociedade dos Poetas Mortos” (*Dead Poets Society*, 1989, de Peter Weir)



Fonte: imagem do acervo pessoal do autor.

A crítica tecida por Lydia refere-se ao modelo escolar e se estende à academia, que tenta conformar as mentes/corpos dos estudantes para que mantenha coesa a tradição que não se pode quebrar, ainda que as imagens quebradas na e da educação sejam tão evidentes e emergentes para diferentes realidades e em distintos contextos (ARROYO, 2009). O dualismo mente *ou* corpo é o parâmetro comum no processo formativo escolar-acadêmico criticado pela educadora, pois estabelece uma distinção para algo uno e difere de uma concepção integral do ser humano: mente *e* corpo.

“Era imaginado o menino que eu sabia, então comecei a ver ao vivo”. Com isso ela quer dizer que foi no contato e na interação com as crianças, no seu cotidiano, brincando,

ouvindo e registrando (em inúmeras fotografias) suas realidades e brincadeiras que se aproximou dos *meninos* que não eram mais imaginados, ou somente estudados, e sim reais. E nessa mudança de postura houve também uma mudança de perspectiva: “A gente tá sempre querendo ensinar os meninos. A gente tem é que aprender menino”. Para isso precisamos, de acordo com Lydia, *olhar menino*. Em outras palavras, se aproximar efetivamente das crianças sem medo de comparação e com devido respeito, para que nossos exemplos não as ensinem ou orientem ao triste presságio de crescer, como refletia o pedagogo/médico polonês Janusz Korczak (1984).

Lydia afirma que nosso esforço deve se concentrar em *olhar menino* para *aprender menino*, e a partir desse aprendizado deixar que a criança venha à frente, em nossas ações cotidianas e em nossas práticas pedagógico-profissionais. Destarte teremos mais chances em compreender que as bases para que a criança cresça e se desenvolva com maior autonomia – estabelecendo seu reino – não estão em inovações metodológicas ou no consumo imediato de novas tecnologias digitais, mas se encontram nessa pequena e grandiosa pedagogia: “menino com menino na natureza, esse deve ser nosso esforço”. Outrossim, ela salienta que precisamos buscar e construir o Brasil nos aproximando dos habitantes do campo, do sertão, “seres musicais e artísticos”, para nos conhecermos melhor “como gente e nação”.

## Epílogo

Chegamos então ao fim dessa tarde (e dessa leitura) com Lydia Hortélio, na qual fomos presenteados com a partilha de saberes primordiais para uma concepção de vida e de educação a partir de outros referenciais – sobretudo do campo das artes, da sensibilidade e do brincar –, baseados em significados plurais e heterogêneos que não se limitam à tradição das práticas presentes nos espaços formais/sistematizados escolares mais convencionais. Saberes que permitem vislumbrar ações pedagógicas menos autoritárias e mais compreensivas, menos deterministas e mais dialógicas, menos rancorosas e mais otimistas, voltadas ao que se propõe a Pedagogia: acompanhar as crianças em diferentes contextos, tempos e realidades; ouvindo-as, acolhendo-as e *aprendendo menino* com elas.

Esse *olhar menino* que se converte num *aprender menino* tem a potencialidade de, mesmo em tempos de tamanhas incertezas<sup>8</sup>, não pensar em negativo, como afirma Lydia, porque precisamos pensar em positivo, uma vez que “o mundo foi feito para dar certo”. Ou como nos recorda Carlos Rodrigues Brandão, estamos “destinados ao amor, à harmonia e à paz” (2007, p. 187). Pensar positivo perpassa o que a educadora chama de consciência do momento, ao qual podemos associar com o que Eduardo Marinho diz sobre o processo de evolução. Para ele, não existe ser *evoluído*, mas sim *evoluindo*, porque “a existência é fluxo, a gente tá sempre em construção” (2018, s/p).

A nossa consciência do momento está, dessa forma, diretamente ligada ao grau de evolução em que estamos; e ela pode levar a duas verdades aprendidas por Daniel Munduruku com seu avô: “1. Nunca se preocupar com coisas pequenas; 2. Todas as coisas são pequenas” (2019, p. 32). O “velho Apolinário”, como se chamava, também gostava de lembrar ao seu neto que “se o momento atual não fosse bom, não se chamaria presente” (MUNDURUKU, 2019, p. 32), mesmo com todas as possíveis adversidades.

Logo, estamos em um contínuo processo de aprendizado, de formação, que pode ser otimizado por meio do *olhar menino* que lançamos ao mundo. Esse olhar menino acontece, de acordo com as palavras de Lydia, “pela via do sonho”. A educadora ainda nos ensina que “tudo é perene na criação”, pois “somos talhados ao infinito”, e assim pressente que estamos “no limiar do mundo novo”, em que a alegria no ensinar e no aprender quebrarão os grilhões que a prendiam no mundo velho.

“Tudo isso são temas para meditação mais importantes que toda pedagogia científica”, enfatiza Lydia. O *olhar menino*, quando se converte também em *aprender menino*, repara em detalhes até os mais óbvios e amplia nossa leitura de mundo, como também aprendemos com Paulo Freire (1969; 1974; etc.). Hortélio recorda então da vez em que o referido mestre lhe desafiou (quando ela fazia seus estudos na Hungria) a compartilhar seu trabalho sobre cultura popular com os brasileiros assim que retornasse ao Brasil, fazendo-a pensar para além dos interesses ou necessidades mais imediatas.

Isso implica em dar atenção a questões de ordem maior e a se perguntar sobre a origem delas e/ou como elas se justificam em nossa sociedade. “Tem gente que só dorme em

---

<sup>8</sup> Como tem sido esse período de Covid-19 em nosso país, que começou como pandemia e se transformou em morticínio. Cabe ressaltar que esse evento com Lydia Hortélio aconteceu no fim de semana anterior ao início da quarentena no Brasil.

travesseiro de algodão, tem gente que não tem onde dormir. Tem um homem que vai pra casa sem levar comida pro seu filho”. Essa realidade, trazida à tona ao fim da conferência, reafirma a potência de olhar menino, para aprender menino, que faz a gente também *sentir menino*: aquele sentimento de mundo que incorpora a dor alheia como se fosse sua.

Optamos por finalizar esse relato de experiência da mesma forma que começamos, com um trecho de outro poema também marcante na vida de Lydia, acrescido de uma imagem subsequente. Se o responsável pelas palavras na abertura do texto foi o português Fernando Pessoa, as últimas ficam a cargo do alemão Angelus Silesius (pseudônimo de Johann Scheffler), em um poema publicado pela primeira vez em 1657 que se tornou tema de orientação na vida de Hortélio. Ou, ou como ela mesma resume, se tornou o seu “Leitmotiv<sup>9</sup>”.

“A rosa é sem porquê.  
Floresce porque floresce.  
Não olha para si mesma,  
Nem pergunta se alguém a vê.”  
(Angelus Silesius, 1996, p. 289)

**Fig. 3** - Encerramento da conferência, com o público presente



Fonte: foto compartilhada no grupo do WhatsApp das organizadoras do evento

<sup>9</sup> Termo utilizado para simbolizar algo que foi e continua sendo representativo à educadora. Em tradução literal do alemão significa “motivo condutor” (na música e no cinema é uma técnica utilizada para conduzir a narrativa).

## Referências

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

ALVES, Rubem. *A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas v. 1). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOTTON, Alain de; ARMSTRONG, John. *Arte como terapia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O vôo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental*. Campinas/SP: Armazém do Ipê, 2007.

EINSTEIN, Albert. Imagination is more important than knowledge. Knowledge is limited. Imagination encircles the world. *The Saturday Evening Post*, Palm Coast – Flórida, n. 17, p. 109-117, 26 October 1929.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GAIMAN, Neil. Neil Gaiman lecture in full: Reading and obligation. *The Reading Agency*, Londres, 14 October 2013.

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HORTÉLIO, Lydia. A educação das infâncias, as escolas de educação infantil e as culturas infantis - brincos, brinquedos e brincadeiras: conversas e experiências. *Conferência nas Jornadas de Amor às Infâncias II*, Porto Alegre, 14 mar. de 2020.

KORCZAK, Janusz. *O direito da criança ao respeito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

MARINHO, Eduardo. “Não existe ser evoluído, mas EVOLUINDO”. *Traficando informação* (YouTube), 28 jun. 2018.

MUNDURUKU, Daniel. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

PALLASMAA, Juhani. *Essências*. São Paulo: GG, 2018.

PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Lisboa: Presença/Casa Fernando Pessoa, 1994.

QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. Rio de Janeiro: Global, 2005.

SARAMAGO, José. “A minha casa é Lanzarote”, entrevista por Alexandra Lucas Coelho. *Público*, Lisboa, 14 out. 1998.

SILESIUS, Angelus. *O peregrino querubínico*. São Paulo: Loyola, 1996.

TASSINARI, Antonella M. I. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação”. In: SILVA, Aracy L. da; FERREIRA, Mariana (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001. p. 44-70.

TAYSON, Neil deGrasse. Give Your Kids Binoculars and Get Out of the Way. *Big Think*, New York, April 2013.

WEIR, Peter. *Sociedade dos poetas mortos (Dead poets society)*. Estados Unidos: Touchstone Pictures, 1989.

ZAFÓN, Carlos Ruiz. *Marina*. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2011.

Recebido em: 06 mar. 2021.

Aceito em: 20 mai. 2021.